

A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DE GÊNEROS TEXTUAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves¹

RESUMO: O trabalho com o texto sempre ocupou lugar de destaque no processo educacional e, de modo especial, no ensino e aprendizagem de língua. Por isso, sem dúvida, podemos afirmar que a análise de gêneros textuais é tema importante e essencial na formação de professores de qualquer nível de ensino. Nos últimos anos, ela mudou seu foco passando da estruturação textual para a funcionalidade e contextos de produção, evidenciando, dessa forma, o aspecto dinâmico dos gêneros. Neste artigo, discutiremos a importância do conceito de propósito comunicativo sob a luz da análise de gêneros proposta pela sócio-retórica inicialmente como critério relevante (SWALES, 1990) e, depois, como critério complementar (ASKEHAVE e SWALES, 2001; SWALES, 2004). Para Swales (1990), o conhecimento e o uso do gênero como forma de interação qualifica o sujeito como membro iniciante ou experiente de uma comunidade discursiva. Dessa forma e, tomando o dicionário como material de destaque no ensino e aprendizagem de língua, nosso objetivo é examinar o propósito comunicativo do gênero verbete, quando presente em dicionários monolíngues e bilíngues. Os resultados demonstram que ele não sofre nenhuma transformação, entretanto difere na maneira de realizar seu movimento retórico, comprovando que existe uma estrutura típica própria desse gênero. Passemos, abaixo, aos subsídios teóricos que nortearão nossa proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Propósito Comunicativo; Dicionários Monolíngue e Bilíngue; Gênero Verbetes.

ABSTRACT: The work with the text has always occupied a prominent place in the educational process and, especially, in the teaching and learning of a language. Therefore, undoubtedly, we can say that the analysis of textual genres is an essential and important issue in formation of a teacher at any educational level. Recently, it shifted its focus shifting from textual structure to functionality and production contexts, showing this way, the dynamic aspect of genres. In this article, we will discuss the importance of the concept of communicative purpose in light of genre analysis proposed by socio-rhetorical initially as relevant criterion (SWALES, 1990) and then as a complementary criterion (ASKEHAVE and SWALES, 2001; SWALES, 2004). To Swales (1990), the knowledge and the use of gender as a form of interaction qualify the individual as a novice or experienced member of a discursive community. This way, and taking the dictionary as a prominent material in the teaching and learning of the language, our goal is to examine the communicative purpose of the genre entry, when present in monolingual and bilingual dictionaries. The results show that it suffers no change; however, it differs in the way of

¹ Doutoranda em Análise Linguística pela UNESP- Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho; professora efetiva da UFT - Universidade Federal do Tocantins; e-mail: sheilacgoncalves@uft.edu.br; sheilacgoncalves@yahoo.com.br.

accomplishing its rhetorical movement, proving that there is a very typical structure of this genre. Below is the theoretical support that will guide our proposal.

KEYWORDS: Communicative Purpose; Monolingual and Bilingual Dictionaries; Genre entry.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos vivenciado diversas dificuldades enfrentadas pela escola no que se refere ao ensino de língua, especialmente no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Conscientes estamos de que, a todo momento, interagimos com uma diversidade enorme de textos produzidos pela sociedade.

Sem dúvida, é o trabalho com os gêneros textuais que permite diversas formas de interação no processo de ensino e aprendizagem, entre elas, o contato direto com a língua, a compreensão do sistema linguístico e suas variações, a capacidade de análise, entre outras. Dessa forma, a nosso ver, a análise de gêneros é tema importante e essencial na formação e capacitação de docentes, independentemente do nível em que ele atua.

Campo fértil de discussões, diversas teorias problematizam as questões relativas aos gêneros e tentam dar conta dos diferentes aspectos que envolvem o assunto. Neste artigo, discutiremos as contribuições advindas de Swales, para quem o aspecto dinâmico dos gêneros é fundamental.

No que tange a utilização da linguagem, especialmente no que diz respeito à abordagem swalesiana, os gêneros são considerados elementos centrais, pois é por meio deles que se dá nossa comunicação verbal. Swales (1990, p.58) afirma “seres humanos organizam seu comportamento comunicativo parcialmente por meio de repertórios de gêneros”², ou seja, utilizamos os gêneros para nos comunicar.

Além disso, a partir do momento em que se consideram os gêneros elementos presentes na nossa comunicação, que expressam valores, crenças e difundem a cultura de uma sociedade, eles tornam-se mais importantes e determinantes no funcionamento dessa sociedade.

Incluída em uma vasta literatura na área de análise de gêneros textuais está a proposta de Swales, que se baseia na sociorretórica e inicialmente enfatiza o propósito

² “human beings organize their communicative behavior partly through repertoires of genres.”

comunicativo como elemento central (1990) e, depois, como complementar. (ASKEHAVE e SWALES, 2001).

Swales, em 1990, propõe uma noção de gênero que é visto não como texto, mas como eventos sociais ou comunicativos e evidencia a relevância do propósito comunicativo como aquele que molda o gênero, determinando, inclusive, sua estrutura interna e impondo limites relacionados às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas.

É possível encontrarmos em sua obra, por exemplo, que conferir ao papel do propósito comunicativo um elemento central é presumir que “a não ser por alguns casos interessantes e excepcionais, os gêneros são veículos comunicativos para a realização de objetivos (goals)” (SWALES, 1990, p.46).

Depois, em 2001, o autor, juntamente com Askehave, em função das críticas recebidas, revê a posição de centralidade do propósito comunicativo e o propõe não mais como elemento central no reconhecimento dos gêneros, mas como um elemento que também deve ser considerado. Além dessa mudança, os autores também discutem a noção de repropósito (Askehave & Swales 2001; Swales, 2004) que, segundo Biasi-Rodrigues (2007) é um neologismo que designa retomada e confirmação do propósito comunicativo.

O fato é que a questão do propósito comunicativo continua presente nas principais abordagens contemporâneas de gênero, bem como os trabalhos que tratam de suas implicações e aplicações pedagógicas e, como exemplo disso, temos a importante contribuição de Biasi-Rodrigues (2007) em que a autora, além de fazer um percurso histórico do conceito de propósito comunicativo no sentido de evidenciar como ele deixou de ser central para a sociorretórica, apresenta diferentes perspectivas que esse critério foi usado como um instrumento de análise de gêneros.

A partir de sua própria pesquisa, em que a autora estuda como se organizam as informações em resumos de dissertações e, valendo-se da pesquisa de outros autores, Biasi-Rodrigues (2007) cita que o que se tem verificado, em muitos casos, é que um determinado gênero apresenta um propósito mais geral que “permite reunir um conjunto de práticas desse gênero numa mesma classe” e depois, em análise mais acurada, “vão levando o pesquisador a fazer reagrupamentos e a identificar modalidades/variantes do mesmo gênero ou, até mesmo, subversões do propósito e do gênero [...]” (BIASI-RODRIGUES, 2007, p.729).

Assim, não pretendemos descrever exaustivamente as contribuições teóricas de Swales, mas sim, apresentarmos um resumo que tem como foco principal evidenciar a importância do conceito de propósito comunicativo no reconhecimento dos gêneros textuais, tão importantes no ensino e aprendizagem de língua. Em seguida, volveremos nosso olhar para o dicionário e, de modo específico, para o gênero verbete de dicionário.

Nesta pesquisa, faz-se necessário esclarecermos que o dicionário será considerado por nós como um suporte. Tomaremos para tanto, as contribuições de Marcuschi (2003), que relaciona a noção de suporte com a ideia de “portador de texto”. Para o autor, esse portador é “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2003, p. 11).

Nossa intenção, ao abordamos o gênero verbete de dicionário é examinar o seu propósito comunicativo, quando esse gênero está presente em dicionários monolíngues e bilíngues. Trataremos, também, da importância de nos conscientizarmos da percepção dessa organização estrutural em nossas práticas pedagógicas, pois bem sabemos que, para entender a organização do verbete (ou qualquer outro gênero textual!) e conseguir extrair dele todas as suas informações, o consultante/aluno precisa entender a sua estrutura e organização. Passemos, abaixo, aos subsídios teóricos que nortearão nossa proposta.

A importância do propósito comunicativo no reconhecimento dos gêneros textuais

Para muitos pesquisadores, o conceito de propósito comunicativo é elemento essencial no estudo dos gêneros. Bezerra (2009, p.464) afirma: “a noção de propósito comunicativo apresenta-se como um dos conceitos centrais para a compreensão da construção, interpretação e uso dos gêneros [...]”

Em 1990, John M. Swales propõe sua definição de gênero. Uma preocupação que permeia o pensamento do autor é a de que o contexto é o elemento indispensável na compreensão de um texto e não apenas os elementos linguísticos. Ele enfatiza ainda que, para quem necessita redigir um texto no contexto acadêmico, o conhecimento em torno do texto em si torna-se insuficiente.

A partir daí, Swales volta-se para o conceito de gênero que depende não apenas dos conhecimentos do próprio texto e propõe uma noção que perpassa a organização textual. Baseado em pesquisas realizadas em quatro áreas do saber (folclore, literatura, linguística e retórica), afirma que o gênero, além de ser um meio de realização dos eventos da

linguagem, pode sofrer transformações ao longo do tempo e é utilizado de diferentes formas pelos diferentes grupos sociais.

A noção de gênero proposta por Swales (1990), não só é baseada nesses quatro campos do saber, mas foca também e principalmente o ensino e apresenta fundamentalmente os seguintes critérios: ideia de classe, propósito comunicativo, prototipicidade, razão subjacente e terminologia.

O primeiro critério é a ideia de classe, ou seja, o gênero é uma classe de eventos comunicativos. Por evento, segundo Herais, B.; Biasi-Rodrigues (2005) entendem-se as situações em que a linguagem verbal torna-se indispensável e relevante. Dessa forma, um gênero recebe influência dos participantes, do discurso de seus usuários, da função que desempenha e do ambiente onde é produzido.

A ideia de classe está relacionada à de propósito comunicativo (considerada pelo autor como o critério mais importante do gênero). Para ele, os gêneros possuem um propósito comunicativo, ou seja, eles têm funções e objetivos específicos, podendo ter um ou mais propósitos comunicativos. O autor também afirma que o propósito pode não estar claro podendo ser difícil identificá-lo. (HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. 2005)

Sobre a prototipicidade, Swales (1990) propõe que um gênero deve ser classificado se possuir os traços que foram especificados em sua definição, ou seja, para se classificar um exemplar como pertencente a determinado gênero, ou recorre-se a critérios que o classificam como tal ou a classificação é feita por semelhança.

Já o termo “razão subjacente” relaciona-se à lógica própria do gênero que faz com que os membros da comunidade o reconheçam. Essa lógica própria serve a um propósito que a comunidade reconhece, ou seja, “de acordo com o entendimento do propósito, os membros utilizam as convenções que realizam o gênero com o propósito apropriado.” (HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. 2005, p.114)

O critério da terminologia é elaborado pela comunidade que faz uso de determinado gênero, inclusive, para Swales, as denominações dos gêneros são estabelecidas pelos membros mais experientes das comunidades discursivas. Por outro lado, a forma da realização de um gênero pode se alterar, dependendo da necessidade e dos propósitos comunicativos, mas isso não impede que ele seja reconhecido pela comunidade que o utiliza.

Assim Swales (1990) define gênero:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo. (SWALES, 1990, p. 58)³

Esse conceito de gênero proposto pelo autor em 1990, é visto como evento sócio-comunicativo gerado pela comunidade discursiva e, como afirmamos, tem o propósito comunicativo como elemento central compartilhado pelos membros da comunidade discursiva na qual o gênero é praticado.

Importante salientar que o conceito de comunidade discursiva é outro ponto muito importante dentro das contribuições teóricas propostas por Swales no estudo dos gêneros.

Swales aponta que as comunidades discursivas são:

redes sócio-retóricas que compartilham os mesmos objetivos. Uma das características que os membros dessas comunidades possuem é a familiaridade com gêneros específicos que são usados no auxílio comunicativo dos objetivos. Como consequência, os gêneros pertencem às comunidades discursivas; ou seja, os gêneros pertencem às comunidades discursivas, não aos indivíduos ou a outros tipos de agrupamento ou a comunidades de discurso mais amplas. Os gêneros são classes de eventos comunicativos que tipicamente possuem características de estabilidade, reconhecimento, etc. Os eventos comunicativos de um tipo de gênero (e talvez outros) são constituídos de textos (falados, escritos ou uma combinação de ambos) mais os procedimentos de codificação e decodificação moderados pelos aspectos de função de texto e ambiente de textos relacionados a esses eventos. (SWALES, 1990 apud ARANHA, 2004)

³ A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. (SWALES, 1990, p.58)

Para Aranha (2004, p.29)

o gênero se estabelece dentro de uma comunidade discursiva e ela torna-se responsável por ele. Poderíamos sugerir que existe um processo de auto-alimentação: a comunidade discursiva desenvolve determinados gêneros e a existência de gêneros específicos configura grupos sociais como comunidades discursivas por compartilharem propósitos comunicativos efetivados através dos gêneros pertinentes a ela.

No livro *Other Floors, Other Voices: a Textography of a Small University Building*, Swales conclui que existem problemas relacionados ao conceito de comunidades discursivas e os critérios usados para defini-la e, em artigo escrito com Askehave (2001), o autor discute as limitações do conceito de propósito comunicativo.

Diante da dificuldade de se esclarecer o que é efetivamente uma comunidade discursiva, Swales enumera seis características que poderiam ajudar a identificá-la:

1. Uma comunidade discursiva possui um conjunto de objetivos em comum e que podem ser descobertos;
2. Possui mecanismos próprios de inter-comunicação entre seus membros;
3. Usa mecanismos participativos para fornecer informações;
4. Utiliza uma seleção desses mecanismos participatórios que geralmente formam conjuntos ou redes;
5. Possui uma terminologia específica e
6. tem uma estrutura hierárquica implícita ou explícita que gerencia o processo de entrada e desenvolvimento dentro dela. (SWALES, 1992, apud ARANHA, 2004)

Aranha (2004, p.30) comenta sobre essas características. Em relação à primeira delas, a autora afirma que, dependendo do ponto de vista de análise, “o conteúdo do texto pode ser inserido em diferentes comunidades discursivas” e exemplifica que um artigo científico da área de Biologia pode ser destinado a análise linguística do texto por professores de língua.

Em relação à segunda característica, para ela “os membros das comunidades se intercomunicam por correio eletrônico, por palestras e seminários, por textos escritos. O conhecimento da língua inglesa parece determinar a qualidade dessas intercomunicações.” (ARANHA, 2004, p.30).

A terceira característica diz respeito ao uso da língua, a quarta aborda os vários grupos de pessoas dentro de uma comunidade discursiva, a quinta aponta para a terminologia específica, enquanto a sexta característica enfatiza a “heterogeneidade

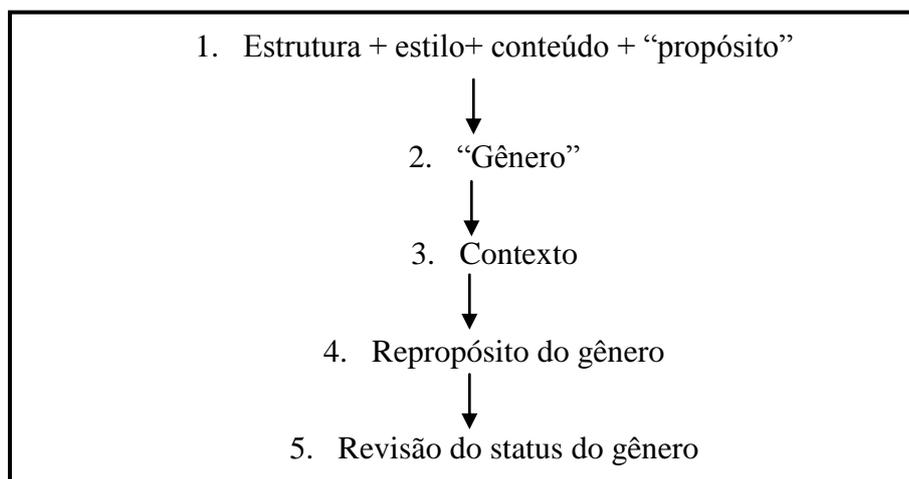
linguística dos autores, membros da mesma comunidade discursiva.” (ARANHA, 2004, p.31).

Importante ressaltar que, assim como o conceito de propósito comunicativo foi revisto pelo autor, o conceito de comunidade discursiva também foi repensado por Swales e, após intensos debates provocados pelas suas proposições na obra *Genre Analyses*, Swales modificou paulatinamente sua base teórica.

Em 2001, em trabalho publicado com Askehave, os autores afirmam que o propósito comunicativo não deve ser a base para o reconhecimento de um gênero, pois mesmo reconhecendo determinado gênero, os membros de uma comunidade discursiva podem discordar quanto ao seu propósito. Para os autores, os propósitos comunicativos são “mais evasivos, múltiplos, intrincados e complexos do que foi originalmente imaginado” (ASKEHAVE e SWALES, 2001, p.197).

Nesse momento, Askehave e Swales (2001) põem em evidencia o contexto e discutem sobre dois procedimentos para a identificação de um gênero: a) textual/linguístico e b) contextual.

Em suas análises, os autores apontam que o procedimento textual/ linguístico é direcionado pelo texto para a análise genérica e envolve cinco níveis, conforme demonstra quadro 1:

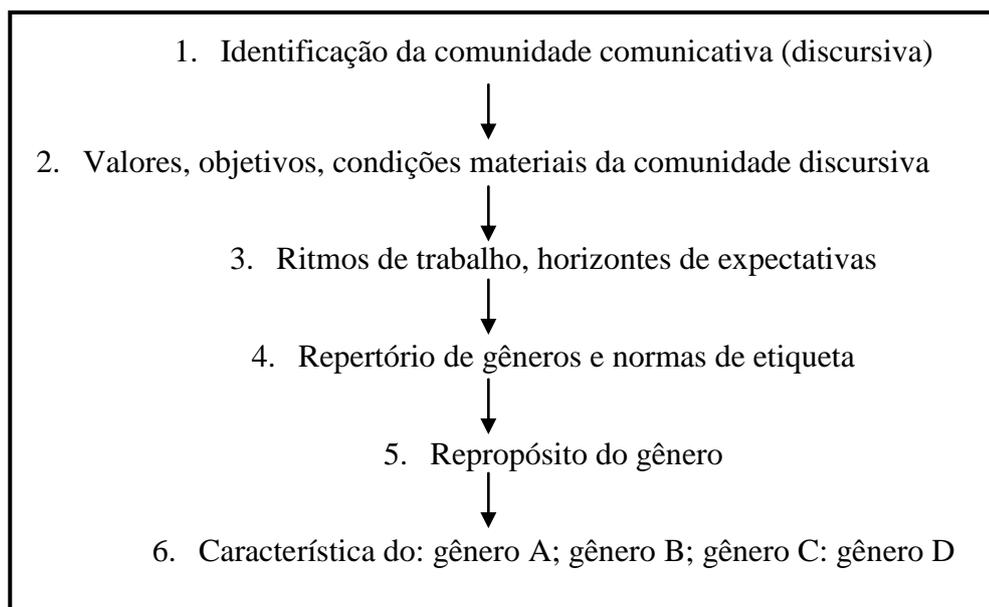


Quadro 1: Procedimento textual/linguístico proposto por Askehave & Swales (2001, p.207)

É possível percebermos que nesse procedimento o propósito comunicativo é examinado simultaneamente à estrutura do texto, estilo e conteúdo. Posteriormente, os

autores tomam o propósito comunicativo como fator de redefinição do gênero (repurposing the genre).

Por outro lado, o procedimento contextual para Askehave & Swales (2001) envolve seis níveis, conforme quadro 2, mas mantém o papel do propósito comunicativo. Vejamos:



Quadro 2: Procedimento contextual proposto por Askehave & Swales (2001, p.208)

É possível visualizarmos que esses dois procedimentos propostos por Askehave & Swales (2001) valorizam o dinamismo dos gêneros, consideram o contexto e a redefinição do papel do propósito comunicativo.

No procedimento textual/linguístico, o propósito comunicativo está situado no nível 1 (como afirmamos, juntamente com estrutura, estilo e conteúdo) e é retomado no nível 4 no sentido de confirmação ou redefinição do gênero. Já no procedimento contextual, ele aparece inicialmente junto a outras variáveis e como etapa final, também como repropósito.

Dando continuidade aos seus trabalhos, em 2004, em sua obra *Research genres: explorations and applications*, Swales reelabora conceitos iniciais, reavalia os estudos realizados até então sobre gêneros e estende seu interesse pelo modo oral de comunicação. Assim, os gêneros passam a ser vistos não como comunicações individuais, mas sobretudo,

formando redes complexas de diferentes tipos. Na ocasião, Swales (2004) propõe três conceitos novos: cadeia de gêneros; conjunto de gêneros e rede de gêneros.

Além disso, Swales (2004) aborda também a dificuldade de se identificar o propósito comunicativo, pois, segundo ele pode haver diferentes propósitos que, dependendo da circunstância de uso, não são tão claros em um primeiro momento. O autor propõe manter esse conceito como “um valioso desdobramento de análise a longo prazo” (SWALES, 2004, p.72).

Iniciamos nossas reflexões explicitando a definição de gênero proposta por Swales (1990), bem como as suas principais características. Depois, abordamos também a mudança de foco em relação ao conceito de propósito comunicativo e suas implicações na análise de gêneros.

Como afirmamos, a análise de gêneros textuais mudou seu foco passando da estruturação textual para a funcionalidade e contextos de produção, evidenciando, assim, a dinamicidade dos gêneros. Dessa forma, as regularidades nos aspectos linguísticos, estruturais e de conteúdo são apenas a superfície do gênero e a propósito comunicativo desempenha importante função. Passemos, pois, abaixo, às nossas reflexões acerca do propósito comunicativo do gênero verbete de dicionário. Evidenciaremos que, mesmo presente em dicionários monolíngues ou bilíngues, o verbete mantém seu propósito comunicativo, mas difere na maneira de realizar seu movimento retórico.

O propósito comunicativo do gênero verbete de dicionário

Dentre as diversas mudanças pelas quais o sistema educacional perpassa atualmente, certamente professores e alunos vivenciam o reconhecimento da importância dos dicionários no ensino e aprendizagem de língua. Essas obras lexicográficas que, a partir de 2000, passaram a ser avaliadas pelo Programa Nacional do livro didático/dicionários – PNLD, além de ocupar um lugar de destaque, agora são consideradas por muitos especialistas como material didático.

Krieger corrobora essa assertiva quando afirma:

os dicionários de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas, contribuem para a alfabetização e o desenvolvimento da competência de leitura. Podem ainda auxiliar, em muito, nos estudos descritivos da língua, tornando-se obras essenciais a toda aprendizagem de língua

materna e também de outras disciplinas curriculares (KRIEGER, 2006, p.236).

Para Humblé (2011, p.9), os dicionários estão entre os livros de maior sucesso no Brasil. De uma maneira ou de outra, sabemos que eles sempre figuraram entre nós, seja como objetos de consulta de usuários ou nas mãos daqueles que estudam ou ainda fazem essas obras lexicográficas. Certamente é difícil encontrar aquele que não tenha ou não conheça um dicionário.

No âmbito deste trabalho e, com o objetivo de oferecer subsídios para responder à questão que o norteou, ou seja, examinar o propósito comunicativo do gênero verbete, quando presente em dicionários monolíngues e bilíngues, passemos a alguns esclarecimentos iniciais.

Para Biasi-Rodrigues (2007, p.733), o propósito comunicativo no reconhecimento de um gênero, “não só é muito importante para o pesquisador reconhecer um conjunto de exemplares de textos como pertencentes a uma categoria genérica como também revela o conhecimento do usuário em relação à finalidade que deveria alcançar junto a sua audiência.”

Baseando-se em dados de pesquisa realizada com resumos de dissertações, a autora aponta para uma organização de informações a partir de uma estrutura cognitiva típica com propósitos particulares, “mas que se aproximam dos que são definidos para os textos acadêmicos longos, pertencentes a outros gêneros, especialmente daqueles que lhes deram origem e que contêm as informações expandidas.”(BIASI-RODRIGUES, 2007 p.733)

Além de sua pesquisa, Biasi-Rodrigues (2007) também cita outras duas realizadas (uma com gêneros introdutórios em livros acadêmicos e a outra com um conjunto de variados chats praticados na internet) para evidenciar o papel do propósito comunicativo e mostrar a questão do agrupamento de “gêneros similares num mesmo locus de publicação” (BEZERRA, 2006, apud BIASI-RODRIGUES, 2007 p. 736) e a diferenciação de gêneros textuais também similares dentro de uma mesma esfera de comunicação” (ARAÚJO, 2006, apud BIASI-RODRIGUES, 2007 p. 736)

Apesar dessa relação ter sido tratada por Swales (1990) e, em muitos casos, assumir uma posição determinante, não nos ateremos a essa questão e, no âmbito deste trabalho,

como afirmamos, tomaremos a noção de suporte como “portador do texto” e, portanto, o dicionário será considerado para nós como o suporte do gênero verbete.

Diante de uma diversidade de tipos de dicionários (monolíngues, bilíngues, de sinônimos, antônimos, analógicos, de termos técnicos etc), o critério por nós adotado para a execução deste trabalho foi: separamos duas obras, privilegiando que uma fosse monolíngue e a outra bilíngue, mas que fossem caracterizadas pelo próprio autor como “minidicionários para fins escolares ou didáticos”.

Acreditamos que a adoção desse critério nos levará inicialmente a obras que são utilizadas no contexto de ensino e consultadas com maior frequência por estudantes do ensino fundamental e/ou médio, falantes nativos do português e aprendizes de um idioma estrangeiro (no caso, o Espanhol) nos primeiros níveis de aprendizagem.

As obras por nós selecionadas foram: Minidicionário Saraiva: Espanhol/Português/Português/Espanhol, 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2009 e o Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

A definição do gênero verbete que tomaremos é a proposta no dicionário eletrônico Houaiss (2010) e entendida como: “conjunto das acepções, exemplos e outras informações pertinentes contido numa entrada de dicionário, enciclopédia, glossário etc.”

É possível deprendermos a partir dessa definição que o verbete se diferencia de forma bastante pontual, apresenta uma estrutura básica típica, é, geralmente, desprovido de autonomia em se tratando de circulação no meio social, ou seja, ele normalmente não é encontrado em jornais, tais como a carta-consulta, os editoriais etc, organiza-se, normalmente, em ordem alfabética, em forma de textos independentes, não sendo comum que ele seja publicado de forma isolada.

Além disso, sabemos também que ele é lido por um grupo de indivíduos com características bem diversificadas, que pode englobar desde alunos das primeiras séries até universitários, estudantes de línguas estrangeiras, professores, além das pessoas da sociedade em geral.

Produzido por especialistas que desempenham a tarefa de classificar as lexias de determinado grupo sócio-linguístico-cultural, a partir de critérios e normas, os denominados lexicógrafos são os responsáveis pela confecção dos verbetes.

Concordamos com Durão & Andrade (2007) e, também a nosso ver, várias são as razões que motivam um consulente a procurar um verbete em um dicionário monolíngue, por exemplo: ele pode tanto estar à procura do significado de um determinado vocábulo, de sua grafia correta, pode, inclusive, querer saber se tal vocábulo existe realmente ou ainda sua etimologia, pronúncia, como ele é usado etc.

Por outro lado, ao pensarmos nos motivos que levam um consulente a procurar um verbete que está presente em um dicionário bilíngue, provavelmente encontraremos esses mesmos motivos.

Vejamos como se constrói a organização do gênero verbete no dicionário monolíngue Miniaurélio. Vale ressaltar que nossa escolha foi aleatória.

a.ba.ca.te sm O fruto, babáceo, do abacateiro

a.ba.ca.xi sm Bras. **1.** Bot. Bromeliácea de infrutescência carnosa, comestível; ananás. **2.** Essa infrutescência; ananás. **3.** Gír. Coisa ou pessoa desagradável.

ba.na.na sf **1.** O fruto da bananeira; pacova. **2.** Bras. Cartucho de dinamite. • s2g **3.** Pessoa sem energia.

Ma.ça sf O fruto da macieira

Ca.qui sm O fruto do caquizeiro

Assim, é possível percebermos que há certa semelhança na maneira de reprodução do esquema de distribuição das informações que ocorre de forma mais ou menos convencional e que poderia ser dessa forma estruturada: todos os verbetes configuram-se pelo registro da entrada (que aparece normalmente em cor diferenciada), seguida de categoria gramatical + informações variadas + definição (ões).

Observemos abaixo o que acontece no minidicionário Saraiva Espanhol/Português/Português/Espanhol:

a.ba.ca.te *sm Bot.* Aguacate.

a.ba.ca.xi *sm Bot* Piña. 2. RP Ananás.

a.gua.ca.te [agwakate] *sm Bot* Abacate.

a.na.nás [ananas] *sm Bot.* Ananás; abacaxi.

Neste dicionário, na parte Português/Espanhol, verificamos o registro da entrada (que também aparece em cor diferenciada), seguida de informações variadas mais o(s) equivalente(s) tradutório (s) da palavra(s) em Espanhol. Já na parte Espanhol/Português, após a entrada, aparece a transcrição fonética, seguida de diversas informações, mais o(s) equivalente(s) tradutório (s) em Português.

Sendo assim, comparando-se as duas estruturas dos verbetes, podemos concluir que elas registram elementos contrastantes e comuns (quadro abaixo).

Entrada	Categoria gramatical	Definição (dicionário monolíngue) OU Equivalente tradutório (dicionário bilíngue)
---------	----------------------	---

Quadro 3: Elementos comuns do gênero verbete de dicionário monolíngue e/ou bilíngue

A partir disso, depreendemos que todo gênero verbete, quando está presente em um dicionário monolíngue, consta do registro desses elementos básicos: entrada, categoria gramatical e definição. No caso de dicionários bilíngues, o verbete consta da entrada, categoria gramatical e equivalente tradutório.

Por outro lado, observamos também que essa estrutura se diferencia quando se trata do registro de outras informações, como por exemplo, o da pronúncia que está presente em todos os vocábulos que se encontram na parte Espanhol/Português do minidicionário Saraiva.

Isso nos revela que existe uma estrutura própria desse gênero respeitada pelos membros responsáveis por sua confecção que apresenta, por um lado, um padrão de regularidades com o registro de elementos comuns e, por outro, uma diversidade na distribuição das informações.

Uma questão que merece ser ressaltada na presente pesquisa é a diversidade de distribuição das informações no gênero verbete, que a nosso ver, ocorre em função das necessidades do público-alvo a que a obra se destina. Entretanto, não podemos afirmar que, por esse motivo, o propósito comunicativo do gênero verbete se altera nas duas obras e sim, que o lexicógrafo ou dicionarista em questão, tendo em mente as necessidades do público a que a obra se destina, apresenta informações diferentes na confecção dos verbetes das duas obras.

No que diz respeito à organização retórica do verbete, no caso específico do dicionário monolíngue, o Miniaurélio, é possível observarmos a partir das definições de nomes de frutas que existe uma estrutura que pode ser descrita da seguinte forma:

- nome do hiperônimo a que pertence a palavra consultada, ou seja, é apresentado ao consulente um vocábulo de sentido mais genérico (“fruto do”; “bromeliácea de”).
- nome da árvore que produz o fruto em questão ou características desse fruto.

No caso do dicionário bilíngue essa organização se dá diferentemente do dicionário monolíngue, embora também ela aconteça de forma estável, indicando nos dois casos, a existência de uma prática recorrente.

Além disso, é possível percebermos também que a linguagem é objetiva, ou seja, sem qualquer tipo de valoração ou parecer, o autor aponta as características do vocábulo que aparece registrado no verbete ou registra o seu equivalente em outra língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a discussão dos gêneros perpassa fundamentalmente pela utilização da linguagem, pois é por meio deles que se dá nossa comunicação verbal e, dessa forma, eles tornam-se importantes, não apenas enquanto mediadores e organizadores de nossas atividades sociais, mas principalmente como reveladores dos propósitos comunicativos das comunidades em que se realizam.

Tendo em vista o propósito comunicativo (conceito proposto por Swales em 1990) iniciamos nossas discussões lançando mão de suas contribuições da época, inicialmente apontando o propósito comunicativo como instrumento primário de categorização dos gêneros e, depois, como critério complementar.

Logo em seguida, evidenciamos o propósito comunicativo do gênero verbete, quando presente em dicionários monolíngues e bilíngues e concluímos que o seu papel foi essencial para verificarmos que existe uma estrutura própria do gênero verbete e uma organização retórica que podem sofrer alterações em função das necessidades do público-alvo a que o suporte em que está localizado este gênero se destina.

Refletindo sobre as palavras de Bezerra quando o autor afirma:

o que dizer do propósito comunicativo de um soneto quando este é retirado de um livro de poesia e transportado para um livro didático, sendo utilizado como base para um exercício de compreensão textual ou para a exemplificação das características de algum estilo literário? Um documento histórico como a Carta de Pero Vaz de Caminha, ao ser lida hoje, terá o mesmo propósito que teve ao ser redigida? (BEZERRA, 2006, p.71).

Certamente podemos afirmar que o propósito comunicativo do gênero verbete não sofre alterações por ele estar presente em um suporte como um dicionário mono ou bilíngue, permanecendo sempre a intenção de informar.

Retomamos a importância da análise dos gêneros textuais na formação dos professores e dos dicionários como objetos que não apenas auxiliam no processo de leitura e escrita, mas sobretudo, passaram a ocupar um lugar de destaque no contexto educacional. Dessa forma, chegamos ao final de nossa pesquisa e nossa intenção não é atribuir ao propósito comunicativo um papel determinante ou não na análise dos gêneros, mas sim reconhecer a sua importância, enquanto um conceito viável e útil e que deve estar presente em qualquer exercício investigativo de gêneros textuais.

Concordamos com Araujo ao afirmar que (ARAUJO, 2006, apud BIASI-RODRIGUES, 2007) “a categoria propósito comunicativo [...] já é uma espécie de ‘patrimônio teórico’ da emergente área da Análise de Gêneros [...] e ainda se mostra como um critério relativamente seguro para atestar a funcionalidade social de um gênero do discurso”.

De fato, o papel do propósito comunicativo desempenha um lugar de destaque conforme afirma Biasi-Rodrigues (2007, p.741) ou “dando realce às funções sociais dos gêneros, sejam eles tradicionalmente praticados ou em processo de transmutação, emergindo novos meios ou suportes” .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASKEHAVE, I. & SWALES, J. 2001 **Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution.** Applied Linguistics, 22.2:195-212.

ARANHA, SOLANGE. **Contribuições Linguísticas para a argumentação da introdução acadêmica.** 2004. 184 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, Araraquara, 2004.

BEZERRA, BENEDITO GOMES. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos.** 2009. 256 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2006.

BIASI-RODRIGUES, BERNARDETE. O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, **Anais...** Tubarão-SC: Unisul, 2007. v. 1. p. 729-742.

DURÃO, ADJA B.DE AMORIM; ANDRADE, OTÁVIO GOES DE. **Dicionários bilíngues e dicionários semi-bilíngues e aprendizagem do vocabulário da língua espanhola por estudantes brasileiros.** In: CELLI-COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS 3. 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p.1087 – 1094.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa.** 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HEMAIS, BÁRBARA; BIASI-RODRIGUES, BERNARDETE. A proposta sócioretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, JOSÉ LUIZ; BONINI, ADAIR; MOTTA-ROTH, DESIRÉE. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

HUMBLÉ, PHILLIPE. Um começo de conversa. In: XATARA, CLAUDIA; BEVILACQUA, CLECI REGINA; HUMBLÉ, PHILIPPE, RENÉ MARIE (Org.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 9-13.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Houaiss: Dicionário da Língua Portuguesa.** Editora Objetiva, 2010.

KRIEGER, MARIA DA GRAÇA. **Políticas públicas e dicionários para escola: O programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática.** Cadernos de Tradução: Florianópolis, v.2, n.18, p.235-252, jul./dez.2006.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36

MINIDICIONÁRIO SARAIVA: Espanhol/Português/Português/Espanhol. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

PARODI, GIOVANNI. Written Genres in University Studies: Evidence from an Academic Corpus of Spanish in Four Disciplines. In C. Bazerman, A. Bonini & D. Figueiredo (eds.). **Genre in a Changing World.** Valparaíso: Clearinghouse and Parlor Press, 2009. p. 483-501.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Research genres: exploration and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.